



Gonçalves, Márcia de Moura; Covezzi, Marta Maria. O gerativismo e a teoria da linguagem bakhtiniana: o sentido em perspectiva. In.: *Revista Diálogos (RevDía)*. Dossiê "Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido". v. 4, n. 2, 2016.

[<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>]

O gerativismo e a teoria da linguagem bakhtiniana

o sentido em perspectiva

Márcia de Moura Gonçalves¹
Marta Maria Covezzi²

*Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido:
estudos linguísticos e literários* v. 4, n. 2, 2016

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagens. Professora do Departamento de Letras. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. mmgpenna@gmail.com

² Doutoranda em Estudos de Linguagens. Professora do Departamento de Letras. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. martacovezzi@hotmail.com





1. INTRODUÇÃO

Em meados do século XX, mais precisamente em 1957, Noam Chomsky (1928) teve um resumo de sua tese doutoral publicada por recomendação de Roman Jakobson na obra *As Estruturas da Sintaxe*. Foram, assim, lançadas suas ideias sobre o Gerativismo Transformacional, teoria linguística que passou por diversas fases e se mantém forte influenciadora de estudos e pesquisas em Linguística até os dias atuais. Neste trabalho, no primeiro momento, apresentaremos brevemente alguns dos conceitos básicos dessa corrente que selecionamos, em vista da impossibilidade de abarcarmos, em um único texto, todos os aspectos dessa teoria que vem sendo desenvolvida há quase sessenta anos; na sequência, enfocaremos as ideias gerativas na discussão sobre o sentido em contraponto com as ideias bakhtinianas a esse respeito.

2. O GERATIVISMO

É razoável considerar a faculdade da linguagem como um “órgão da linguagem” no sentido em que os cientistas falam de um sistema imunológico ou sistema circulatório como órgãos do corpo. (Chomsky, 1998)

A linguística gerativa propôs-se a estudar a linguagem humana fundamentando-se em princípios da matemática, de forma abstrata (formal), aproximando-se das Ciências Cognitivas, que se aprofundavam na busca de conhecimentos sobre a mente humana. Para ela, a linguagem é considerada uma capacidade inata do ser humano, conforme Kenedy

Com o inatismo, a linguística gerativa levanta a hipótese de que existam, no genoma humano, materiais genéticos inatos que se destinam especificamente à aquisição e ao uso da linguagem. É com base nessa hipótese que os gerativistas se propõem a explicar por que os seres humanos adquirem a língua de seu ambiente de maneira



tão rápida e uniforme, mas nenhuma outra espécie animal consegue aprender uma língua. (Kenedy, 2013, p. 74)

Esse dispositivo inato, herança biológica, fornece-nos um algoritmo, um sistema gerativo, que nos permite adquirir a gramática de uma língua. Esse algoritmo é a Gramática Universal (GU), o conjunto de propriedades gramaticais comuns a todas as línguas naturais e também suas particularidades, possíveis de serem previstas pela própria GU. A hipótese da Gramática Universal representa um refinamento da noção de Faculdade da linguagem: a partir de um conjunto limitado de regras, é possível gerar um número ilimitado de sequências linguísticas. Essa faculdade também é a que capacita os indivíduos a distinguirem as sequências gramaticais das não gramaticais.

A Teoria de Princípios e Parâmetros, formulada no início dos anos 1980, prescrevia que a GU deveria ser compreendida como um conjunto de regularidades gramaticais universais (por serem comuns a todas as línguas naturais), os Princípios; e um conjunto limitado de variações possíveis, (específicos de determinadas línguas) os Parâmetros. Os parâmetros apresentam-se de modo binário, ou seja, com o valor positivo (+) que indica sua presença na língua; ou negativo (-) que sinaliza a ausência daquela característica.

Como exemplo de Princípio, podemos citar a presença da função sintática sujeito em todas as sentenças de todas as línguas. Como Parâmetro, temos a possibilidade do sujeito nulo: permitido pelas regras de algumas línguas e não por outras. Exemplos:

Português: Chove. (+)

Espanhol: Llueve. (+)

Inglês: It rains. (-)

Francês: Il pleut. (-)

Observando essas frases, percebemos que o inglês e o francês exigem que o sujeito seja expreso, o mesmo não acontecendo com o português e o espanhol.



O gerativismo propõe os seguintes conceitos de língua: língua-I, sendo a língua interna, individual e intensional “elemento que existe na mente da pessoa que conhece a língua, adquirido por quem aprende e usado pelo falante-ouvinte” e a língua-E, externa e extensional que é a língua usada por uma população.

A competência linguística humana, para o gerativismo, é a língua-I, a capacidade de produzir e compreender expressões linguísticas compostas pelos códigos da língua-E, o conhecimento interno e tácito das regras de formação das frases da língua. O uso concreto da língua denomina-se desempenho linguístico (também conhecido por *performance*, ou atuação) e envolve diversos tipos de habilidades que não são linguísticas, como atenção, memória, emoção, nível de estresse, conhecimento de mundo etc.

Uma noção importante para a análise linguística gerativista, derivada da noção matemática de conjunto, é o sintagma, que consiste em um conjunto de segmentos que constituem uma unidade significativa dentro da oração, mantendo relações de dependência e ordem. A estrutura sintagmática fundamenta-se no conceito saussuriano de sintagma (qualquer combinação na cadeia da fala) e é seguido de qualificativos definidores da categoria gramatical (sintagma nominal, sintagma verbal, sintagma adjetival etc.). Chomsky também toma por empréstimo a teoria dos constituintes imediatos de Bloomfield, que tem como princípio que “toda frase da língua é formada não por uma simples sequência de elementos, mas de uma combinação de construções que formam os constituintes de uma frase, sendo esses constituintes, por sua vez, formados de constituintes de ordem inferior.” (Azevedo, 2007)

O modelo teórico sintagmático baseia-se na análise dos constituintes imediatos e objetiva a descrição de como os constituintes das sentenças são formados e como tais constituintes transformam-se em outros, por meio da aplicação de regras. Por exemplo, a sentença “o rapaz comprou o caderno” possui cinco itens lexicais, que estão organizados entre si através de relações estruturais que chamamos de marcadores



sintagmáticos, e tais marcadores poderiam sofrer regras de transformação de modo a formar outras sentenças, como “o caderno foi comprado pelo rapaz”, “o que o rapaz comprou?”, “quem comprou o caderno?” etc.

Chomsky, tentando compreender o processo mental de formação das frases, considera que a linguagem humana ocorre em dois níveis: uma estrutura profunda, abstrata na qual o raciocínio ocorreria sem o uso de palavras, e uma estrutura superficial, que são as frases que dizemos, pensamos e escrevemos. Entre os dois níveis haveria um conjunto de transformações, que é o que interessaria ao linguista gerativista descrever. A estrutura profunda e a superficial não são necessariamente idênticas.

Segundo essa teoria, retomando o exemplo anterior, se considerarmos a estrutura profunda, temos sentenças iguais semanticamente, porém, na estrutura superficial, na frase expressa, evidenciam-se as diferenças.

A denominação da teoria fundada por Chomsky, Gerativo Transformacional origina-se da intenção em descrever a gramática, enquanto conjunto de regras de funcionamento da língua, capaz de gerar, no sentido matemático, um número infinito de frases a partir de um número limitado de regras e elementos e que descrevesse as transformações entre as estruturas profunda e superficial.

3. BAKHTIN E CHOMSKY: SENTIDOS EM PERSPECTIVA

Não se nasce organismo biológico abstrato, mas se nasce camponês ou aristocrata, proletário ou burguês. (Bakhtin, 1980)

A questão da construção do sentido *na* e *pela* língua/linguagem será nesta seção o fio condutor do nosso pensamento. Para tanto, apresentaremos noções básicas de duas grandes vertentes dos estudos sobre linguagem, o Gerativismo proposto por Noam Chomsky (1959) e a



perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin e o Círculo (1929; 1953). Nesse contraponto, pretendemos distinguir os fundamentos básicos que sustentam seu posicionamento sobre as noções de sentido e significado no âmbito da linguística.

3.1 O ser humano e o meio social

Tomado como um ser biológico, a hipótese de Chomsky é de que toda língua natural é baseada em princípios universais inatos no ser humano que se desenvolvem na criança como qualquer outra função biológica. Entretanto, para que ocorra esse desenvolvimento, é necessário que a criança esteja em contato com os falantes de alguma língua a fim de que ela aprenda o sistema dessa língua. Nessa perspectiva, o ambiente linguístico é importante, mas é a capacidade inata do ser humano que garante toda e qualquer aprendizagem de línguas (Lightbown & Spada, 2013, p.20).

Por outro lado, para Bakhtin o ser humano é um sujeito individual cuja consciência está impregnada de conteúdos ideológicos forjados na realidade social do indivíduo. Nessa perspectiva, o sujeito não adquire uma língua e a consciência não se reduz a processos internos. Bakhtin elaborou a sua concepção de consciência considerando que os seus fundamentos não são fisiológicos, nem biológicos, mas sim históricos e sociológicos (Freitas, 2002). Para ele (2004 [1929], p.35), é no convívio social, na interação entre os falantes de uma comunidade, que “a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais”.

2.2 A gramática universal e o conteúdo ideológico



Para o Gerativismo, a estrutura cognitiva do cérebro humano possui certas propriedades genéticas inatas, base de um sistema de regras linguísticas comum a todas as línguas que nos predispõem a uma percepção sistemática da língua ao nosso redor, resultando na construção de um sistema internalizado de língua, a Gramática Universal (GU) (Brown, 2007, p.28). A hipótese inatista da GU propõe que esse sistema de regras não é aleatório e que essa gramática impede que estruturas não gramaticais funcionem, ou seja, não tenham um significado (Lightbown & Spada, 2013, p.20).

Diferentemente, na perspectiva bakhtiniana, “a consciência individual é um fato socioideológico”(Bakhtin, 2004 [1929], p.35) isto é, os processos que determinam o conteúdo do psiquismo subjetivo “desenvolve-se fora do organismo, ainda que o organismo individual participe deles” (Freitas, 2002, p.129). A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social e a palavra é o fenômeno ideológico por excelência (Bakhtin, 2004 [1929], p.36). A epígrafe citada no início dessa seção nos remete a um sujeito membro de um grupo social, que vê e entende o mundo desse posicionamento de classe, uma vez que sua consciência individual está impregnada de seus conteúdos vivenciais, ideológicos.

2.3 Língua e linguagem, significado e sentido

Para Chomsky, a linguagem pode ser entendida como a capacidade humana de raciocinar sem o uso de palavras, em nível mais profundo, e de produzir frases oralizadas e escritas em nível mais superficial. Em sua proposta inatista, a língua é entendida como um sistema organizado na mente de cada indivíduo constituindo a sua competência linguística. É ela que garante que cada indivíduo produzirá sentenças que podem ser compreendidas por outros indivíduos que conhecem e dominam a mesma língua. Nesse sentido, podemos dizer que o falante compreende o



significado de determinada sentença, que pode ter sido produzida fora de qualquer contexto situacional.

Diferentemente, para Bakhtin (2004 [1929], p.92) a consciência subjetiva do locutor não se utiliza da língua como um sistema de formas normativas abstratas, mas ele serve-se dele para suas necessidades enunciativas concretas. Para o locutor, “o centro da gravidade da língua não reside na conformidade à norma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto”(id., ibid.). Na enunciação, o significado refere-se ao termo dicionarizado que exige uma compreensão passiva, de decodificação do ouvinte, e o sentido, por outro lado, é o significado contextual, em que o ouvinte, além de decodificar presume o que será dito na interação (Freitas, 2002, p.136). A língua enquanto sistema em uso é ‘linguagens’ ou os sentidos construídos no curso das interações.

2.4 Questão de sentido

Tomando o “sentido” como uma noção a ser investigada dentro dessas duas vertentes no campo da linguística, consideramos que a visão inatista proposta por Chomsky da natureza da linguagem não toma o “sentido” como elemento fundamental da atividade linguística entre falantes e ouvintes. Em sua teoria, ele propõe uma gramática das línguas naturais explicando, nesse trajeto, o processo de aquisição de uma língua pela criança na formação de sua competência linguística para o uso real observado da linguagem - o desempenho real. Nesse contexto, é que Chomsky (1959, p.194) afirma que “ter o domínio de uma língua é ser capaz, em princípio, de entender o que é dito e produzir um sinal com uma interpretação semântica desejada”. A questão de fazer-se entender na língua passa pela determinação de como a fala é produzida, identificada e entendida entre os falantes, não sendo a noção de sentido, portanto, objeto de investigação na Teoria Gerativa.



Bakhtin, por outro lado, considera o aspecto linguístico da linguagem necessário, todavia, ele o toma integrado à vida humana. Nesse sentido, toda comunicação verbal está necessariamente vinculada a uma situação concreta de enunciação, de modo que é nas relações dialógicas entre interlocutores que os sentidos se constituem. A concepção dialógica vem de encontro à visão da língua enquanto sistema adquirido, uma vez que para ela são os interlocutores que, ao produzirem enunciados, mobilizam recursos linguísticos. O sentido só acontece com o auditório, sendo produzido na interação, apontando para o discurso. Para a perspectiva enunciativa discursiva, o sentido está no encontro com o outro, entre sujeitos históricos sociais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, nesse confronto das ideias das duas teorias, formas totalmente diferentes de considerar a semântica da língua, que concebemos como seu aspecto essencial e que se constrói no encontro de dois sujeitos, na interação dialógica, em que se levam em conta todos os elementos sócio-histórico-político-culturais do enunciado, conforme a teoria bakhtiniana. Uma das grandes divergências e, talvez, a limitação da teoria gerativa, esteja justamente no fato de desconsiderar o sujeito assim como as condições de enunciação da produção linguística como elementos geradores e influenciadores do sentido no discurso.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO; M. R. A gramática gerativo-transformacional na origem da programação neurolinguística (PNL). In.: **Caligrama**. Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Mídia. v. 3, n. 1, 2007. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/65386>. Consulta em 01 de ago. 2016.

BAKHTIN, M. (1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11ª ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 2004.

BAKHTIN, M. (1953). O Problema do Texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas. **Estética da Criação Verbal**. (1979) 6ª ed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Le Freudism**. Paris, L'Age D'homme, 1980.

BROWN, H. D. **Principles of language learning and teaching**. 5ªed., San Francisco, USA: Pearson/Longman, 2007.

CHOMSKY, N. **Linguagem e mente**: pensamentos atuais sobre antigos problemas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

FISCHER, L. A. Dentro da cabeça de Noam Chomsky. In.: **Super Interessante**. Site. Disponível em <http://super.abril.com.br/cultura/dentro-da-cabeca-de-noam-chomsky/>. Consulta em 01 de ago. 2016.

FREITAS, M. T. de A. **Vygotsky & Bakhtin. Psicologia e educação**: Um intertexto. 4ª ed., Juiz de Fora, MG: Ed. Ática, 2002.

KENEDY, E. Gerativismo. In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). In.: **Manual de lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140.

KENEDY, E. **Curso básico de lingüística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

LIGHTBOWN, P.M.& SPADA, N. **How Languages are Learned**. 4ªed., Oxford, England: O.U.P, 2013.

